

A HUMANÍSTICA PERSPECTIVA DO ESPAÇO E DO LUGAR

The humanistic perspective of space and place

João Baptista Ferreira de Melloⁱ
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

O texto aborda os conceitos de espaço e lugar sob a perspectiva do horizonte humanístico em geografia referenciando-os, respectivamente, como penumbra e claridade. Neste contexto, vale lembrar, o conceito lugar, baseado nos princípios da fenomenologia com a noção do mundo vivido, se confunde com a própria trajetória da geografia humanística, sendo considerado lar, por excelência, no qual a pessoa cria, projeta, vive, ama e atua.

Palavras-chave: lugar; espaço; geografia humanística; escuridão; claridade.

Abstract

The paper deals with the concepts for space and place under the perspective of the humanistic horizon in geography, referring to them, respectively, as darkness and clarity. In this context, it is worthwhile to remember that the concept for place, based on the principles of phenomenology, alongside with the notion of life-world, merges with humanistic geography's own trajectory, being considered, par excellence, a synonym for home, in which the person creates, projects, lives, loves and acts.

Keywords: place; space; humanistic geography; darkness; clarity.

O que é geografia? O pensador Yi-Fu Tuan, quando indagado a respeito, costuma recorrer a uma conceituação em voga nos anos quarenta e por ele retomada ao final de milênio passado: geografia é o estudo da Terra como o lar das pessoas (TUAN, 1991, p.89). A idéia continua sendo defendida pelo referido expoente do humanismo em geografia, aporte este preocupado em explorar as experiências geográficas dos seres humanos. Nas pesquisas dessa corrente as expressões e palavras-chave são indivíduo, grupos sociais, espaço e lugar. À luz dos preceitos das filosofias do significado como a fenomenologia, o existencialismo e a hermenêutica, os vocábulos espaço e lugar são alçados a categorias de análise e se confundem com a própria trajetória da citada corrente (DANIELS, 1985, p.145).

A via, por excelência, para a compreensão dos lares dos homens ou de suas “geografias existenciais” (SAMUELS, 1981, p.131) tem sido trilhada através da construção de conceitos, tarefa esta de fundamental

importância e muito cara às ciências humanas. Os estudos humanísticos em geografia, particularmente, se esmeram em distinguir e explorar o espaço e o lugar como categorias matriciais. Na realidade, os vocábulos indivíduo e lugar comparecem com frequência nas análises da perspectiva humanística. Na esteira desta persistência apresentam-se, por extensão e complementaridade, os grupos sociais e o espaço, este igualmente por antagonismo e exterioridade. A presente pesquisa, afinada com os preceitos do horizonte humanístico, exhibe como questão central a elaboração dos conceitos de espaço e lugar. Em meio a um turbilhão de entendimentos e afetividade, os vínculos entre as pessoas e seus espaços estabelecem uma relação de “dominância e afeição”, sendo o meio ambiente entendido – como na obra de Yi-Fu Tuan, de 1984 – tal qual um animal de estimação a ser cuidado e protegido, mas atuando igualmente como uma concha protetora. Nestas circunstâncias, vale

reforçarmos a idéia de que enquanto as atenções dos geógrafos, de modo geral, estão voltadas para a organização espacial, os geógrafos da tendência humanística estão preocupados com os espaços e os lugares dos homens (TUAN, 1983; 1991). Na verdade, convém frisarmos, nossos mundos são realmente segmentados, como lembra Tuan em um dos seus textos (1982), e pleno de continuidades e discontinuidades (TUAN, 1984b).

Aqui é o meu lugar; mas desconheço o que existe do outro lado da montanha. Amo o meu bairro e a minha cidade; todavia não os conheço inteiramente. Estimo lugares onde nunca estive pessoalmente, porém, a mim transmitidos por amigos, parentes ou pelos meios de comunicação. Ao lado disso, a pátria amada ou até mesmo o planeta Terra - nestes tempos de consciência ecológica - adquirem simbolicamente o status de lares ou lugares (MELLO, 1995). Ambivalentemente admito que abomino ou rejeito diversas porções espaciais de minha própria cidade ou de meu país. No entanto, sonho em ancorar em paraísos naturais ou construídos pelos homens em meu torrão-natal ou além mar.

Neste contexto, os espaços dos homens guardam mistérios, dores e desesperanças. Os lugares, o aconchego, o trabalho, as festas, os atritos e as recordações. Ao percorrermos os espaços nos deparamos com labirintos e na desenvoltura da travessia dos lugares amplos ressonam o alarido e o corre-corre das pessoas, o rufar dos tambores e o toque mágico dos sinos. Dos espaços sufocados pela escuridão, escapamos para a extrema luminosidade dos lugares, conduzidos pela arte, revestida de abnegação, labor e prazer, oferecidos e consagrados pelos indivíduos e grupos sociais.

DAS LUZES E DAS TREVAS NAS ARTES E NO MUNDO VIVIDO

Acontecimentos festivos, ritualísticos, mórbidos, de imensa felicidade, imponentes ou trágicos ou mesmo dramas íntimos ou testemunhados por outrem são exibidos no dia-a-dia ou nos palcos dos teatros. A palavra drama “deriva do termo grego que significa fazer”. “O propósito do ato dramático é fazer a vida ordinária possível” (TUAN, 1984, p.86), repeti-la ou trasladá-la para o palco.

Da experiência vivida os dramaturgos extraem elementos para as suas narrativas. São peças classificadas por gênero, sejam elas tidas como reais ou de ficção, mas, de todo modo, fortemente calcadas sobre a cultura ou nos acontecimentos do mundo vivido e tecidas ao sabor de sentimentos, lembranças, ações e fantasia. Uma peça teatral pode ser representada em um ou mais atos subdivididos em unidades ou cenas e adotar uma estrutura linear, fragmentada ou de vanguarda em sua linguagem. No palco, astros e estrelas de brilhos próprios personificam diversos e intensos papéis. Em termos técnicos, a luz e a escuridão assumem relevância extraordinárias para o desenvolvimento e compreensão da trama. Luz significa brilho, claridade e fulgor, pressupõe amplidão e júbilo. Por sua vez, a escuridão denota tristeza e ignorância. “O Senhor é luz, afirma o texto sagrado. O Sol, resplandecente, transmite vida e inspira confiança. Em contrapartida, as trevas, dominadas pelas forças do mal, serão herdadas pelos impuros” (MELLO, 1993, p.32).

Uma obra dramática discorre acerca de um resumo de uma vida e/ou ocorrências triviais ou fantásticas. Todavia, um texto teatral, por mais extenso que seja, não esgota todo um somatório de vivências. O mundo

vivido, manancial de experiências e fonte de inspiração, é evidentemente muito mais rico com sua teia de tragédias, ritmos e comicidade. Neste contexto, desobrigados e na impossibilidade de empreenderem uma tarefa hercúlea, qual seja a de retratar o mundo vivido em toda a sua magnitude e esplendor, os escritores selecionam apenas alguns pontos que são elencados em suas obras.

Escritores diversos, incluindo dramaturgos e pesquisadores, conseguem apenas recortar e registrar uma parte da riqueza da vida em suas peças, livros e compêndios literários, escolares ou científicos. Outros pesquisadores abordam conceitos geográficos com base em uma trajetória de vida e, assim procuram abrir clareiras ou direcionar fragmentos biográficos como experimentos valiosos e fontes de pesquisa geográfica.

Experiência, teatro da vida e dos palcos, coletâneas e resumos, astros e estrelas, luminosidade e escuridão, bem como atos e cenas são alguns vocábulos e expressões dominantes nestas últimas passagens e de interesse para a pesquisa, pois sinalizam em direção a um esforço de esclarecimento de conceitos como espaço, de um lado e, por outro, a decifrar os meandros, as interiorizações e as reentrâncias do lugar.

OS ESPAÇOS E OS LUGARES DOS HOMENS

“Não há lugar como o lar”. Mas, o que é o lar? Tuan (1983, p.3) inicia uma de suas obras com esta indagação e, logo em seguida, oferece a resposta: é a velha casa, o bairro, a cidade ou a pátria. A explicação aparentemente simples encobre uma infinita e complexa rede de sentimentos e entendimentos a propósito dos

elementos que unem os homens aos “seus” nichos de proteção e convivência ou concepção simbólica. Neste compasso e atentos à idéia de que “a geografia está em todos os lugares”, como defende Cosgrove (1998, p.92) da corrente cultural, os especialistas da escola humanística perseguem obstinadamente o desafio de traduzir a alma dos lugares, sobretudo através da elaboração do conceito lugar, categoria analítica esta que mais atenção mereceu dos geógrafos da vertente humanística (ENTRIKIN, 1980).

Como Sartre (1956, p.269) sentenciou “não me é possível não ter um lugar”. “Existir é ter um lugar” (ENTRIKIN, 1980, p.16). A cama, a casa, a rua e o bairro são lugares eleitos e demarcados a partir de nossas experiências diretas. Todavia, a cidade, a região, a pátria e até mesmo o Planeta Terra, nestes tempos de consciência ecológica, alçam, simbolicamente, à condição de lares ou lugares (MELLO, 1995). “A Terra é o nosso lar” (TUAN, 1998, p.7). Da mesma forma, a casa, revestida “de um valor excepcional pela sua universalidade, pela profundidade das suas significações” (FRÉMONT, 1980, p.122). Todo espaço habitado, explicitou BACHELARD (1990, p.22) “traz a essência da noção casa”, verdadeiro cosmo (BACHELARD, 1990; ELIADE, 1990; TUAN, 1983), e, ao mesmo tempo, um ninho, por conter a grandeza do universo e a infinidade aconchegante de um refúgio, pleno de aspectos familiares e indissociáveis, tais como aromas, sons, paisagens íntimas, amigos, ensinamentos, lutas, “canções minha mãe me ensinou” (SCHUTZ, 1979, p.291), e toda sorte de evocações que permitem à pessoa “sentir-se em casa”. Centro de apoio, referência e ação, afora estabilidade e confinamento, o lar ou lugar integra o âmago dos nossos seres e

guardam similitudes, mistérios, continuidade e interiorizações. Além dos seus limites, descortina-se um mundo livre, contudo, caótico e temeroso (TUAN, 1983; MELLO, 2000).

O lar, em seu sentido claustrofílico, cristaliza-se como um lugar central, por excelência, e em toda sua grandeza. Por um lado, por ser um refúgio íntimo, trançado por laços de afinidade e significância e, ao mesmo tempo, impregnado por experiências do passado e do presente e, por conseguinte, explorado com desenvoltura. Por outro lado, seu “múltiplo uso” e “múltiplas propostas” (TUAN, 1984, p.1) o transformam em centro ou no “ponto para onde as coisas convergem” como apontam os dicionários e os teóricos, por ser um local emissor e receptor de idéias, trabalho, divertimento, afora a sua destinação original de moradia.

10

No ambiente doméstico mesclam-se atividades de toda ordem e tarefas do lar. Aparentemente “mundos privados e particulares penetram um no outro” (TUAN, 1984). No entanto, na estrutura funcional das residências corredores e portas estabelecem limites. Apenas aos mais íntimos são concedidos os cômodos privativos, o que significa dizer que há lugares mais íntimos do que outros.

Para a formação da identidade do lugar a relação entre a pessoa e toda a aura que a envolve é essencial. Experiência, símbolos, significados e permanência contribuem para forjar o sentido de lugar. As brincadeiras no espaço coletivo, a respeitabilidade e a convivência em endereços diversos, despertam um profundo sentimento de bairrofilia, sensação esta de apego, pertencimento, filiação e bem-estar.

Por símbolo entende-se a parte representativa do todo (TUAN, 1980). O “habitué” de um lugar se apropria, simbolicamente, dos logradouros, dos prédios e dos artefatos expostos pelo equipamento urbanístico. A destruição ou mutilação de qualquer objeto causa ressentimento e protestos, pois afeta as pessoas e a vida de relações. Na experiência repetida o caminho do dia-a-dia de mera aparência física transforma-se em “veículo de significado” (WAGNER, 1979, p.20). Como na reflexão filosófica deste autor “não existem marcas e signos em si”, mas “somente em virtude do significado que um ser humano ou grupos” (WAGNER, 1979, p.21) lhes atribuem. Esta questão de posse, defesa e significado remonta à noção fenomenológica do mundo vivido contemplando indissociavelmente os pertences privados ou públicos, parentes, amigos, conhecidos e a base territorial intrinsecamente imbricados e fazendo parte do acervo íntimo do indivíduo ou grupo social. Em outras palavras, consoante a alma dos lugares.

As rotas, a casa, o bairro, bem como os seus componentes mais diversos, como as pedras do caminho, integram o sentido e a alma dos lugares. Estes, quando efêmeros podem igualmente se perpetuar no íntimo das pessoas.

Os lugares de nossas experiências podem ser transitórios e/ou eternos. A efemeridade dos lugares seria, em parte, advinda das metamorfoses operacionalizadas pelos homens no incessante monta-e-desmonta e na “destruição criativa” dos mais diversos recantos e, por outro lado, aos nossos valores, ambigüidades e temores.

A construção/destruição dos lugares

não se reduz às mudanças da forma, da função ou do conteúdo, como nos exemplos dos campos agrícolas transfigurados em espaços urbanos, nas periferias de ontem convertidas em bairros nobres, em razão dos atrativos / amenidades como mar/verde/montanha, ou nas devastações inclementes proporcionadas pelas cirurgias urbanas. Nestes termos, as paisagens ou os fixos sociais, outrora tidos como sólidos em suas características físicas e econômicas, bem como a configuração ostentatória esculpida no cerne das transformações espaciais, não podem ser enquadradas no rol dos lugares transitórios, na medida em que a cristalização de suas fisionomias, durante um certo período do tempo, confere às paisagens pretéritas ou hodiernas um grau de permanência. Todavia, os lugares do modismo e as centralidades, em seus mais diversos patamares - para citar apenas estas ilustrações -, podem desabrochar, sofrer uma espécie de torpor ou até mesmo fenecer, ao sabor das oscilações periódicas e de outras injunções.

No íntimo das pessoas, transitivos ou duradouros, os lugares da atualidade ou do passado podem variar de acordo com os valores, a quebra de preconceitos, a formação de conceitos e a aceitação de novas normas. Nestes termos, a ambivalência colabora para tal alternância, gerando atitudes inconstantes. Um dia a cor azul é bela e preferida, em outra oportunidade não tão vistosa e preterida. Por ora a música alegre e estridente é bem vinda, em outros momentos desejamos a companhia da solidão e do silêncio. Os paradoxos ocorrem igualmente com relação ao espaço e ao lugar. Senão vejamos: os paraísos naturais conservam sua aura diante da luz solar. Esta, como se sabe, fomenta vida e abundância. Em

contraponto, a escuridão noturna pressagia morte, e mesmo que o homem tenha procurado vencer os horrores da noite alumando o meio ambiente com clarões produzidos por substâncias gordurosas e combustíveis, afora lamparinas e velas, e tentado copiar a luz natural, recorrendo a fontes tecnologicamente avançadas, como a energia elétrica, o gás neon e o mercúrio, ainda assim, em meio à noite artificialmente iluminada, persistem os receios com relação aos universos noturnos. Entretanto, convém registrar, as noites enluaradas exercem um grande fascínio, ainda que a maioria das pessoas prefira não se aventurar nas praias, montanhas ou nos bosques junto aos mistérios da noite.

Espaço e lugar - expressando, metafórica e respectivamente, as noções de penumbra e claridade - corporificados a partir das experiências, ambigüidade e valores humanos, manifestam níveis distintos de especificidades. Como sublinhado por Tuan (1975, p.6), "as pessoas não são máquinas de calcular. Os seus desejos e atos, e até mesmo as suas conclusões teóricas, são sempre confusas, causadas pela ambivalência".

Ambigüidade, sentimentos topofílicos, temores e a maneira filosófica de agir das pessoas forjam, para um mesmo local, no decurso de horas, espaços e lugares. Os centros das grandes cidades, notabilizados por apresentarem de dia uma vida dinâmica, fantástica, constituem evidências de tal assertiva, na medida em que o apinhamento populacional, o corre-corre diário e a experiência repetida convertem as áreas centrais das cidades, no horário de expediente, em lugares. À noite e nos finais de semana, os centros são, durante ou principalmente após os horários das sessões de cinema e teatro, locais

de encontro, permanência e vivência de parcelas consideráveis de artistas, homossexuais, boêmios, alcoólatras, prostitutas de ambos os sexos, desocupados, pedintes etc. Para esta gente, o centro é uma extensão do lar, logo, lugar. Mas, para quem percorre esses pontos, de dia, com desembaraço (lugares), os centros das cidades, à noite - desertos ou freqüentados por "pessoas exóticas" -, são evitados ou causam aflição, sendo, portanto, espaços (MELLO, 1991).

Locais próximos ou distantes, em diferentes escalas, mesmo não vividos pessoalmente, podem se tornar lugares concebidos e/ou míticos, a partir dos relatos ou quando cantados, na medida em que haveria nestes tipos de comunicação, realizados através de narrativas, uma certa relação de intimidade. Neste caso, as fronteiras afetivas e/ou intelectuais demarcariam novos lugares, concebidos e/ou míticos, dispostos além do espaço $\frac{3}{4}$ estranho, ignorado, distante "física" ou emocionalmente.

A distinção entre o concebido e o mítico sugere uma certa dificuldade de compreensão. O primeiro assoma como uma transposição do que fora captado. Todavia, quando confrontado pessoalmente pode não ser fiel à formulação legada, ao passo que o lugar mítico, disposto no topo da imaginação e do simbólico, é idealizado por intermédio da cultura, das filosofias religiosas, entre outros aspectos. O lugar mítico, situado em um dos níveis mais sofisticados do pensamento humano, diz respeito aos eldorados ou terras fantásticas, paradisíacas ou infernais, ou relativo aos projetos irrealizáveis, aos sonhos, ao inacessível ou cultivado como um éden a ser alcançado nesta ou em outra dimensão

(TUAN, 1983; MELLO, 1990; 1991; 1993; 1997).

Quanto à restauração dos lugares do passado, na escala íntima, perpetuam-se, no movimento memorialístico, as casas e os redutos da infância e da adolescência e, por outro lado, aderindo e apoderando-se da memória seletiva, a magia pretérita de lugares eternizados na memória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pausa, movimento, morada (TUAN, 1983), consciência, conflitos, sonhos e devaneios conferem ao mundo vivido distinções como espaço e lugar. Nestes termos, vale ressaltar, o ser humano está sempre em busca do lar, refúgio de aconchego, luz, esperança e felicidade. O entendimento sobre o lar/lugar é múltiplo, divergente, descontínuo e surge em diversas escalas. A procura e as destinações, para os monoteístas, não se limitam a esta dimensão. No ato da santa missa e nas orações, como prêmio de redenção, os fiéis, em comunhão, clamam que "no fim da peregrinação terrestre" todos mereçam chegar "à morada eterna", plena de luminosidade. Nestas condições, movimento, destino, morada/lar/lugar persistem nesta e em outra dimensão (MELLO, 1993). A busca por lugares envoltos em claridade continua...

Por fim, neste fecho/desfecho /inconcluso, cabe lembrar, no espetáculo da vida, a escuridão prevalece ao anoitecer. Mas, a aurora, a cada dia, triunfa sobre a obscuridade, abrindo clareiras para os lugares de extrema luminosidade.

NOTAS

ⁱ Professor do Instituto de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

(UERJ); Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Coordenador do Núcleo de Estudos sobre Geografia Humanística, Artes e Cidade do Rio de Janeiro (NeghARIO) - www.neghario.igeog.uerj.br; Coordenador dos Roteiros Geográficos do Rio - www.roteiros.igeog.uerj.br.
E-mail: neghario@uol.com.br

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. *A poética do espaço*. Coleção *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BUTTNER, A. Hogar, campo de movimento y sentido del lugar. In: GARCÍA RAMON, María Dolores. *Teoría y método en la geografía humana anglosajona*. Barcelona, Ariel, 1985. p. 227-241.
- COSGROVE, David. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.
- DANIELS, S. Arguments for a humanistic geography. In: JOHNSTON, R. J. (Ed.) *The future of Geography*. London: Methuen, 1985. p. 143-158.
- ELIADE, M. *O Sagrado e o Profano: a Essência da Religião*. Lisboa: Livros Brasil, 1991. p.234.
- ENTRIKIN, J. N. O humanismo contemporâneo em geografia. *Boletim de Geografia Teórica*. Rio Claro, São Paulo, vol. 10, nº 19: 5-30, 1980.
- FRÉMONT, A. *A região, espaço vivido*. Coimbra: Livraria Almadina, 1980. 275 p.
- HALBSWACHS, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- MELLO, J.B.F. de. Geografia humanística: A perspectiva de experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro: IBGE, 52(4)91-115, 1990.
- MELLO, J.B.F. de. *O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira - 1928/1991 - uma introdução à geografia humanística*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: Departamento de Geografia, UFRJ, 1991.
- MELLO, J. B. F. de. A humanização da natureza - uma odisséia para a (re)conquista do paraíso. In: SILVA, S. T.; Viana, O. M. *Geografia e questão ambiental*. Rio de Janeiro: IBGE, 1993.
- MELLO, J.B.F. de. Explosões e Estilhaços de Centralidades no Rio de Janeiro. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, nº 1, p. 23-44, outubro 1995.
- MELLO, J.B.F. de. *Dos espaços da escuridão aos lugares de extrema luminosidade - o universo da estrela Marlene como palco e documento para a construção de conceitos geográficos*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Departamento de Geografia, UFRJ, 2000.
- SAMUELS, M. S. An existential geography. In: HARVEY, M. and HOLLY, B. (ed.). *Themes in Geographic Thought*. New York: St. Martin's Press, 1981. pp. 115-132.
- SARTRE, J. P. *O ser e o nada*. Petrópolis: Vozes, 1956. 776 p.
- SCHUTZ, A. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, 396 p.
- TUAN, Y. F. Ambiguidades nas atitudes para com o meio ambiente. *Boletim geográfico*. Rio de Janeiro, 245(33): 5-3, 1975.
- TUAN, Y. F. *Topofilia*. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Y. F. *Espaço e lugar*. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Y. F. *Dominance and Affection: The Making of Pets*. New Haven: Yale University Press, 1984a.

TUAN, Y. F. Continuity and Discontinuity. *The Geographical Review*. n°74(3) New York, 1984b.

TUAN, Y. F. *The good life*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1986.

TUAN, Y. F. A view of geography. *Geographical Review*. 81 (1):99-106, 1991.

TUAN, Y. F. *Escapism*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1998.

TUAN, Y. F. *Who am I? An Autobiography of Emotion, Mind, and Spirit*. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1999.

WAGNER, H. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.